

A terra estranha a língua de quem lhe cava

(sexto tratamento)

Por

Rafael Sylos

CENA 01 - EXT. FLORESTA - DIA

Floresta de várzea, densa, intocada. Sons de maquinaria ecoam ao longe. A fauna local manifesta-se entre as árvores. Os sons da natureza são gradativamente sobrepostos pela maquinaria ruidosa, que atinge níveis insuportáveis.

CENA 02 - EXT. TRILHA - DIA

Uma motocicleta velha e barulhenta percorre uma trilha coberta por folhas. MATHIAS, 42, robusto, careca, barba por fazer, acelera ao ouvir trovoadas. Ele chega, enfim, a uma clareira.

A chuva começa a cair. Mathias rapidamente guia a moto até a varanda de um pequeno casebre de madeira muito precário que fica a poucos metros dali. Antes de entrar, senta-se na soleira para retirar as botas sujas de terra. Uma melodia suave misturada ao som da chuva manifesta-se nas redondezas. Mathias ergue a cabeça assustado. Olha para todos os lados, mas não vê nada por perto. Mantém o olhar atento, mas logo entra no casebre.

CENA 03 - INT. CASEBRE DE MATHIAS - NOITE

Mathias anda pelo quarto à procura de uma toalha. Joga sua mochila em cima de um colchão desarrumado e despe seu colete molhado. Encontra um pano puído e enxuga o excesso de água do corpo. No quarto - que, na verdade, consiste em quase toda a área do casebre - ele faz o sinal da cruz para um grande crucifixo de metal pendurado na parede. Segue para a área da varanda novamente, onde toma um banho em seu chuveiro improvisado.

Segue para a COZINHA, onde coloca uma panela de água para ferver em um pequeno fogão velho. Pega uma maçã e liga um pequeno rádio. A qualidade do som é precária. Depois de uma rápida vinheta, o noticiário anuncia um protesto em Brasília, guiado por diversas etnias indígenas brasileiras. Mathias mastiga devagar sua maçã e solta um riso abafado de desprezo. Entre chiados, a reportagem torna-se quase ininteligível. Ele dá alguns tapas no aparelho, que desliga subitamente. Conforme a chuva aumenta e a escuridão preenche o ambiente, Mathias acende algumas velas e lampiões a gás.

## CENA 04 - EXT. FLORESTA - DIA

## ALUCINAÇÃO DE MATHIAS:

Uma fraca luz matinal revela a vegetação ainda molhada pela chuva. Duas mãos selecionam sementes de urucum e depositam as melhores em um recipiente de madeira. Brasas ainda avermelhadas são completamente apagadas por um jarro de cerâmica cheio d'água. A porta do casebre balança fortemente e o ambiente é envolvido por uma densa fumaça. Uma torneira enferrujada pinga. O som das gotas é intenso. De repente, o fluxo aumenta e a água corrente torna-se vermelha.

## CENA 05 - INT. CASEBRE DE MATHIAS - DIA

Mathias acorda ofegante, de olhos arregalados. Olha para a porta de entrada, que fica de frente para sua cama. Está fechada. Ele vai até a pia da COZINHA, lava o rosto e esfrega fortemente os olhos. Encara seu próprio reflexo em um pedaço de espelho quebrado que fica colado na parede do cômodo. Enche um copo com água da torneira. Olha através da janela à sua frente e depara-se com uma oca armada em uma CLAREIRA a poucos metros dali. Em frente à oca está BENI, 40, índio Kaingang, coberto de pinturas corporais típicas de seu povo. Ele descasca habilidosamente um toco de madeira com uma lâmina velha. Parece não perceber a existência do casebre à sua frente.

## CENA 06 - EXT. CLAREIRA - DIA

Com o toco de madeira e um porongo recém aberto, Beni termina de confeccionar uma Maraca. Ele se levanta e começa a entoar uma canção, começando, assim, uma variação de movimentos corporais ritualísticos próprios de sua metade clânica entre os Kaingang - os Kamé.

## CENA 07 - INT. CASEBRE DE MATHIAS - DIA

Mathias debruça seu olhar vidrado nas ações de Beni, mas tenta permanecer fora de seu campo de visão. Inquieto, vai até o quarto, olha em direção ao crucifixo de metal e, em seguida, a uma pequena estante feita de caixotes que suporta algumas imagens de santos. Fecha os olhos, beija sua própria mão e a repousa sobre a cabeça de uma estatueta de Nossa Senhora do Bom Conselho. Mathias sai do casebre e fecha a porta com força.

## CENA 08 - EXT. CLAREIRA - DIA

Anda a passos largos até o meio da clareira, mas para de repente. Beni não demonstra qualquer reação e continua tocando sua Maraca em frente a uma fogueira. Mathias dá mais dois passos para frente, mas uma espécie de "barreira invisível" o impede de passar daquele ponto. Ele enxuga o suor da testa. Anda em círculos pela clareira, inquieto, mas não consegue se aproximar da oca de maneira nenhuma. Ajoelha-se no mato, pressiona as mãos contra os ouvidos e grita. Beni, por sua vez, ignora completamente as reações de Mathias.

Mathias pega sua moto. As rodas enlameadas avançam velozmente pela trilha enquanto chocam-se contra pequenos galhos que se interpõem ao caminho.

## CENA 09 - EXT. CLAREIRA - DIA

## ALUCINAÇÃO DE MATHIAS:

Recipiente de madeira cheio de pequenas sementes de urucum. Um socador mistura as sementes com um pouco d'água e o conteúdo transforma-se gradativamente em uma pasta vermelha. Duas mãos preparam pigmento de carvão em outro recipiente. Um peixe relutante é imobilizado pelas mesmas mãos no chão molhado.

## CENA 10 - INT - CASEBRE DE MATHIAS - DIA

Mathias acorda ofegante. Esfrega os olhos com força. O relógio marca 5h30. Deita-se novamente, pega o travesseiro e pressiona-o contra o próprio rosto. O som da Maraca recomeça. Mathias sai da cama rapidamente e corre para a janela da COZINHA.

Beni coloca a maraca no chão, mas continua murmurando algumas palavras enquanto separa um punhado de ervas. Mistura as folhas em uma gamela cheia d'água enquanto os primeiros raios de sol começam a surgir entre as folhas das árvores. Pega um punhado do conteúdo da gamela e o esfrega por todo o corpo, dando continuidade aos ritos iniciados no dia anterior.

Mathias, barba por fazer, olheiras profundas e um fio de suor escorrendo pelo pescoço, mantém um olhar grave fixo em Beni, enquanto seus olhos enchem-se de lágrimas. Ele começa a tremer e leva as mãos espasmódicas ao rosto. Anda rapidamente até um dos caixotes no QUARTO. De dentro dele, tira uma bíblia. Volta para a COZINHA, senta-se na cadeira e começa a folhear o livro bruscamente. Sussurra para si mesmo

(CONTINUED)

enquanto lê as Escrituras. Faz gestos estranhos com as mãos, como se espantasse pernilongos da região de seu pescoço. Em um lampejo alucinatório, a torneira da cozinha jorra água vermelha mais uma vez. Mathias larga a bíblia bruscamente e vai correndo até o banheiro, onde vomita. Sentado no chão, ele leva as mãos à cabeça, enquanto o suor escorre por sua roupa. Antes de conseguir se levantar, desmaia.

CENA 11 - EXT. CLAREIRA - DIA

ALUCINAÇÃO DE MATHIAS:

Dois dedos banham-se em tinta preta e vermelha. Pintam diferentes partes de um mesmo corpo. No CASEBRE, o caixote, antes cheio de imagens de santos, agora está vazio. De volta à CLAREIRA, uma pá é fincada com força na terra macia.

CENA 12 - INT. CASEBRE DE MATHIAS - NOITE

Ajoelhado e de olhos fechados em frente à parede, Mathias sussurra. Ele reza diante do crucifixo de metal. Trovoadas anunciam a chegada da chuva.

Mathias vai até a COZINHA e olha pela janela. Beni não está na clareira, mas as chamas de sua fogueira continuam vivas. Rapidamente, Mathias pega um pequeno tanque de querosene no chão.

CENA 13 - EXT. CLAREIRA - NOITE

Enquanto a chuva começa a cair, Mathias anda com cautela até o meio da clareira. Certifica-se de que Beni de fato não está por perto e, pela primeira vez, consegue ultrapassar a "bareira invisível". Começa a banhar a oca com o conteúdo inflamável. Depois, pega um dos galhos crepitantes da fogueira e joga-o na pequena morada de Beni. Respira aliviado e sente o aumento da chuva, enquanto contempla o incêndio à sua frente.

CENA 14 - INT. CASEBRE DE MATHIAS - NOITE/DIA

Ensofado, Mathias tira suas roupas, enxagua o cabelo com o pano puído e se esparrama no colchão. Dorme, aliviado. Estranhos ruídos preenchem o ambiente, mas Mathias permanece adormecido por um longo tempo.

Uma gradativa mudança de iluminação sugere a passagem da noite para o dia. Mathias acorda tranquilo, senta-se no colchão e veste uma calça que encontra jogada no chão. Anda

tranquilamente até a cozinha. Olha para a mesa e leva um susto. Em cima da mesa está a Maraca, assim como alguns recipientes com restos de tinta de carvão e urucum. Tudo está organizado impecavelmente. Uma circunferência feita de giz contorna os objetos. Mathias avança para destruí-los, mas alguma força estranha também impede que ele os alcance. Ele agarra as pontas da mesa e a balança com força, mas não consegue tirar nada do lugar.

Mathias vira bruscamente para a janela da cozinha e corre para observar a clareira. A oca está intacta. Tranquilo, Beni come um peixe ao lado de sua fogueira.

O tremor e o suor voltam a se apossar de Mathias. Ele abre bruscamente a porta de entrada e avança correndo até o meio da CLAREIRA, mas tropeça no ponto da "barreira invisível". Aperta com força a terra úmida, enquanto lança a Beni um olhar ameaçador. Pela primeira vez, Beni olha diretamente para Mathias, mas continua com o semblante inexpressivo enquanto mastiga seu peixe.

Mathias corre para dentro do CASEBRE e fecha a porta com força. Observa longamente o crucifixo de metal. Depois de hesitar por alguns instantes, vai até o QUARTO, sobe no colchão e empunha o objeto de forma ameaçadora. Acaricia a ponta metálica e segue devagar para a porta de entrada. Sai para a clareira e fecha a porta atrás de si.

#### CENA 16 - EXT. CLAREIRA - DIA

Uma pá encontra-se cravada na terra úmida. Não muito longe dali, o crucifixo de metal ensanguentado demarca um túmulo recente. O som da Maraca espalha-se pelo ambiente. Quem toca é Mathias, sentado em frente à oca, coberto de pinturas e adornos semelhantes aos de Beni. Seus olhos vidrados observam o casebre.

#### CENA 17 - INT. CASEBRE DE MATHIAS - DIA

Um HOMEM MISTERIOSO, 42, deposita uma grande mochila de viagem em cima da cama desarrumada. Percorre o pequeno aposento com os olhos. Anda até a cozinha e percebe o som da Maraca do lado de fora do casebre. Ele se aproxima cautelosamente da janela. Seus olhos encontram os de Mathias.

FIM